



**ST16. INTERFACES ENTRE HISTÓRIA, MEMÓRIA E ENSINO DE HISTÓRIA  
50 ANOS DO GOLPE MILITAR DE 1964**

1033

**ENSINO DE HISTÓRIA E MEMÓRIA: CONSTRUINDO RELEITURAS DO  
PASSADO, CONTRA A DESTRUIÇÃO DA MEMÓRIA**

*Alianna Batista da Silva<sup>1</sup>*

*Patrícia Cristina de Aragão Araújo<sup>2</sup>*

**Resumo:** Dentre as marcas historiográficas deixadas pelas práticas repressivas do golpe civil- militar que aconteceu no Brasil no ano de 1964, temos como principal instrumento a memória coletiva para se compreender as tradições e as recordações que por volta de 50 anos estão atreladas na nossa identidade cultural, buscando na memória silenciada da sociedade expiações para construir releituras da nossa história. Ao se pensar na preservação da memória através do ensino de História, que vem atuando como fundamental nesse processo de despertar os lugares da memória, ao abrir leques para as leituras deixadas nas marcas do passado, o ensino de História contribui nas inquietações das memórias que vem sendo silenciadas provocando outras possibilidades de como entender o espaço e o tempo que vem sendo preservado na memória coletiva atual.

**Palavras-chave:** Ensino de história. Memória. Esquecimento.

## INTRODUÇÃO

As praticas docentes desenvolvidas no âmbito escolar tendem a elaborar mecanismo de conhecimentos com a intenção de que haja alguma forma de interação, entre o indivíduo e a sociedade. O conhecimento ao ser constituído é direcionado aos interesses sociais, tendo em vista que a manutenção de uma disciplina escolar obedece a determinadas finalidades.

Uma das propostas do ensino de História está centrada na intencionalidade de formar cidadãos críticos, porém com a demanda de formar uma identidade nacional durante muito tempo houve uma preocupação de formar um sentimento, porém esquecendo-se de formar a opinião crítica dos alunos.

<sup>1</sup> Discente do Departamento de História da Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: alianna\_silva11@hotmail.com.

<sup>2</sup> Docente do Departamento de História da Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: [cristina-aragao21@hotmail.com](mailto:cristina-aragao21@hotmail.com)

Com base nisso iremos analisar, como o ensino de História esteve direcionado desde o século XIX para a formação de uma memória oficial, colocando as margens a possibilidade de manifestar no processo de ensino e aprendizagem o resgatar na memória, seja individual ou coletiva, a construção de um ensino reflexivo e a compreensão do nosso tempo presente.

Fazendo uma análise em torno do aniversário de 50 anos do golpe cívico- militar que ocorreu no Brasil no ano de 1964, utilizaremos a memória como principal instrumento para promover releituras do passado no ensino de História. Buscando articular nos acontecimentos que ficaram registrados oficialmente na nossa história, marcos que foram silenciados na memória social.

Portanto, evidenciando além das marcas repressivas realizada por uma centralização estratégica de uma política de poder; as marcas também deixadas no enquadramento da memória, os não- ditos e os silêncios que foram esquecidas no tempo e só depois do intervalo de cinco décadas que a nossa história esta experimentando resgatar outras falas e personagens até então ficados para trás.

## MUDANÇAS NO OLHAR DO CLIO

Desde o século XIX, os métodos e técnicas que eram utilizados no sistema de educação se direcionavam para atender as ações do Estado, com a intenção de construir um ensino didático de domínio, em que a formação dos cidadãos correspondesse ao sistema social á qual atuava. Ao abarcar o ensino de História na grade curricular, se passou a ganhar um reforço á mais ao desempenhar um papel fundamental na construção da memória coletiva, relacionado a formação de uma identidade nacional.

O ensino de História ao fazer parte do sistema escolar teve como uma de suas propostas, projetar um passado como explicação para entender o tempo presente. Com isso ao surgir, uma das intenções em volta do ensino de História estava em ressaltar a memória do passado que favorecia a formação de identidades nacionais, partindo de uma perspectiva nacionalista diante das recordações que eram propostas pelo Estado; assim se limitando a determinados fatos, e buscando enaltecer as lembranças que desempenhava uma função na composição da memória social.

Podemos observar que o conhecimento que era transmitido em sala de aula através do ensino de História, dentro dessa perspectiva política, acabou tornando a história limitada no saber escolar. Pois por mais que houvesse uma tentativa de transformar a metodologia de aprendizagem por parte do docente, o ensino de História tinha que obedecer ao currículo oficial que determinava ao professor, a responsabilidade de transmitir o conhecimento e determinar as tarefas aos alunos, e os mesmos tinha como dever receber o conhecimento e cumprir os seus afazeres, para atender a demanda do currículo.

Com o surgimento da Escola do Annales no século XX, e a renovação teórico- metodológico que foi proposto para o campo da História; a História passa a ser conduzida a mudanças no tempo histórico e no olhar do historiador, propondo para o historiador trabalhar com novas abordagens e dimensões.

Com a renovação no campo da História, no ensino de História se passou a ter novas possibilidades de trabalhar com a formação de novos saberes e novas abordagens em sala de aula. Com a mudança do tempo e as novas estruturas a que esse novo tempo veio a obedecer, o retorno ao passado passa a ser reconstruído na memória de uma maneira diversificada.

Se antes a idéia de trabalhar com o passado, era restrito ao currículo pragmático dentro de uma perspectiva política, formando uma memória nacional, agora trabalhar com o resgate do passado ganha uma nova sincronia ao utilizar documentos e fontes, para a realização do resgate do passado tendo em vista outras perspectivas, outros olhares, com isso, reinterpretando os fatos. De acordo com Moura (2009, p.02):

[...] Ensinar História não pode ser uma atividade inocente, onde o professor informa sobre uma quantidade infinita de nomes, datas, causas e conseqüências, que não têm significado para os alunos. Logo, se o olhar de Clio mudou e voltou-se para outras questões e problemas, para outros campos e temas, nossa perspectiva de escrever e ensinar História deve ser outra, que valorize a cultura como um conjunto de significados a serem partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo [...].

O docente em sala de aula foi ganhando aos poucos, o espaço de trabalhar com o retorno ao passado com base em outras dimensões, estruturando uma nova organização no resgate da memória. Tendo em vista que o historiador pode direcionar um novo olhar, ao mostrar a história do olhar de quem escreveu sobre determinado fato e também dos personagens que teve participação direta ou indireta.

## **RECORDAR OU SILENCIAR?**

A preocupação com a memória histórica no ensino de historia apesar de passar por algumas mudanças, ainda obedece a algumas limitações na construção de uma saber crítico em sala de aula. Essas limitações se da em grande parte por causa da política do sistema educacional que não oferece de maneira uniforme condições necessárias de se produzir um saber em sala de aula mais amplo, buscando na memória outras leituras além das estruturas á qual obedece a historia que vem sendo construída; assim buscando dentro dessas estruturas outros leques de leituras á quais essas estruturas obedecem, e até mesmo nos silêncios que se escondem na memória que vem sendo preservada.

A memória é, em parte, herdada, não se refere apenas á vida física da pessoa. A memória também sofre flutuações que são função do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa. As preocupações do momento constituem um elemento de estruturação da memória. Isso é verdade também em relação com a memória coletiva ainda que ela seja bem mais organizada. Todos sabem que até as datas oficiais são fortemente estruturadas do ponto de vista político. Quando se procura enquadrar a memória nacional por meio de datas oficialmente selecionadas para as festas nacionais, há muitas vezes problemas de luta política. A memória organizadíssima, que é a

memória nacional, constitui um objeto de disputa importante, e são comuns os conflitos para determinar que datas e que acontecimentos vão ser gravados na memória de um povo. (POLLAK, 1989, p.04)

Ao analisar o golpe de 1964, que ocorreu com o intuito de transformar a política vigente no Brasil através de uma ideologia espelhada no autoritarismo e no poder; foi um golpe lançado pelos civis e militares com uma nova política que tomava conta do país e de toda idéia de democracia que até então se tinha, passou a ser modificado.

Esse período de mudanças na política foi marcado por tenebrosas violações da liberdade, dos direitos humanos que deixou milhares de mortos, desaparecidos e torturados e se prolongou por longos 21 anos, até o ano de 1985. Essa organização política que obedecia a excessos nas suas organizações, através de resistência e estabelecimento de ordem e repressão diante da participação popular, deixou na sociedade algumas centenas de cicatrizes.

A sociedade destes acontecimentos, se organizou com grupos e organizações políticas de esquerda que planejavam guerrilhas urbanas e passaram a enfrentar a ditadura, empunhando armas, realizando seqüestros e atos terroristas.

O governo, então, radicalizou as medidas repressivas, com a justificativa de enfrentar os movimentos de oposição; com isso, [exílios, prisões, torturas e desaparecimentos de pessoas](#) fizeram parte do cotidiano de violência repressiva imposta à sociedade, ações que provocaram até a morte de cidadãos.

Durante muitos anos recordar tais acontecimentos tornou-se um incômodo na sociedade brasileira, por terem sido acontecimentos que marcaram a identidade do nosso país. Se identificar com as práticas que eram exercidas na ditadura era um ato demonizado e falho. Após 50 anos do golpe, falar de ditadura, buscar na memória informações que provoquem inquietações em torno desse período que marcou a sociedade brasileira, ainda provoca na sociedade um sentimento de indiferença, e silenciar o passado parece resolver a trajetória histórica.

A sociedade brasileira viveu a ditadura como um pesadelo que é preciso exorcizar, ou seja a sociedade, não tem e nunca teve nada haver com a ditadura [...] embora tenha desaparecido gradualmente, em ordem e paz, a ditadura foi e tem sido objeto de escárnio, desprezo e indiferença, atitudes que tendem a estabelecer uma ruptura drástica com o passado e o presente, quando não induzem ao silêncio e ao esquecimento de um processo, contudo tão recente e tão importante de nossa história.(REIS, 2005, p. 09)

Essa idéia de silenciar alguns acontecimentos que marcaram a memória por se tratar de um período de conflitos e resistências, está relacionada a construção de um sentimento de identidade por parte dos mecanismos de manipulações da memória social. A construção do sentimento de identidade muitas vezes está atrelado a organização política do país, e os fatos que são estabelecimentos para ficarem registrados na memória ou na margem do esquecimento, obedecem a coerência dos fatos vinculados a referências de aceitação da unidade e/ou de um grupo.

Com algumas mudanças no percurso político no país, fez-se surgir o interesse por reviver a memória da ditadura trazendo à tona toda a realidade vivida naquele período, por mais dolorosa que fosse para uma parte da população que sentiu de pele a repressão dos excessos de quem dominava. Através de registros históricos que descrevem as práticas repressivas, para se fazer punir em troca de “justiça”. Com isso para dar uma nova credibilidade e roupagem a memória social, emoldurando o sentimento de identidade, através de uma política mais democrática.

## MEMÓRIA EM SALA DE AULA

1037

No ensino de História, trabalhar com memória em sala de aula deveria ser estruturado, para cobrar dos alunos uma análise, pautada em críticas, questionamentos, resgatando o passado, com finalidades de construir novas propostas em torno do conhecimento que é produzido em sala de aula. Ao invés de se limitar só a escola, como acaba acontecendo, o ensino de história deveria ter uma direção voltada para a cultura á qual o indivíduo faz parte. Pois por mais que uma lembrança pareça “desmerecedora” de ser recordada, ela só foi lembrada porque á uma percepção de atuação no tempo presente.

Ao compreendermos que a História é um instrumento de reflexão sobre nós mesmos, não faz mais sentido um ensino centrado apenas nos conteúdos de forma exclusivamente informativa. O desafio para o ensino de História é selecionar os conteúdos com a finalidade que se deseja alcançar: saber, saber fazer e saber ser [...] O professor deve selecionar os conteúdos de acordo com o diagnóstico que faz dos conhecimentos, domínios e atitudes dos alunos, além de considerar as questões contemporâneas pertinentes à realidade social, econômica, política e cultural. (PINHEIRO e MOURA, 2009, p. 05)

O professor ao selecionar os conteúdos para ministrar sua aula, pode utilizar as informações ali estabelecidas pelo currículo e junto mostrar outros pontos de vista em torno de determinadas informações, para que junto com os alunos possam levantar contrapontos que desempenhasse a construção de uma reflexão crítica sobre o conteúdo mostrado, por meio dos pontos analisados, e explorar o ponto de vista dos alunos em relação ao passado. Com o objetivo de fortalecer a construção do conhecimento.

É preciso estruturar atividades de forma a incentivar a reflexão sobre a realidade dos alunos, comparando-a com outras realidades, em outros tempos e espaços, a fim de identificar as relações entre o particular e o geral, o local e o global; é preciso perceber as diferenças e as semelhanças, as continuidades, as discontinuidades, os conflitos, as contradições e as transformações, para que (eles) possam compreendê-la, identificar problemas, manifestar opiniões, elaborar conclusões, propor e desenvolver ações, participando, assim, como sujeitos ativos do processo de construção de conhecimento. (PINHEIRO e MOURA, 2009, p. 05)

## CONCLUSÃO

Podemos analisar que precisamos de um ensino de História que forme um conhecimento mais amplo; que venha a formar indivíduos mais desejosos e participantes do conhecimento á eles oferecido, criando novas possibilidades dentro do que o ensino de história em si nos oferece, com suas abordagens e dimensões.

Como disse Albuquerque Júnior (2007, p. 203) “o ato de lembrar é, sobretudo, o trabalho de localizar lembranças no tempo e no espaço.” Na escola o aluno deve ser incentivado a discutir acontecimentos da história brasileira, a exemplo do golpe militar, no sentido de pôr em evidencia o que durante muito tempo foi silenciado na memória social.

Seria interessante ter como uma das metas a intencionalidade de quebrar as resistências que habita no ensino de História, através de quebrar os silêncios que são preservados na memória social, que acaba sufocando o desenvolvimento do conhecimento, e as transformações desejadas para o tempo e o espaço a qual nos encontramos agora.

1038

## REFERÊNCIAS

JÚNIOR, Durval Muniz de. **História: a arte de inventar o passado**. Bauru, SP: Edusc. 2007. Cap. 11, p. 199- 209.

REIS, Daniel Aarão. **Ditadura militar, esquerdas e sociedade**. 3. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Kahar, 2005. Cap. 1, p.07- 17.

PINHEIRO, Auréa; MOURA, Cassia. Memória, história e historiografia. In: **Anpuh – XXV Simpósio Nacional de História**. Fortaleza: 2009.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. 1989. *Estudos históricos*. Rio de Janeiro, CPDOC-FGV, v. 5, n. 10, p. 200- 212.

\_\_\_\_\_. Memória, esquecimento, silêncio. 1989. *Estudos históricos*. Rio de Janeiro, CPDOC-FGV, v. 2, n. 3, p. 3-15.